

RELATO - EXPERIÊNCIA DE MESA

Maria Fernanda Medeiros Bezerra da Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

127

DOI: 10.21680/2595-4024.2025v8n1ID42264

Resumo

Este relato é um registro da pesquisa feita pela mesa 01 – Processos de composição no trabalho da atriz: Caminhos de criação na perspectiva feminista, no evento I Jornada de Pesquisa em Artes da Cena, a partir do dia 12 de julho de 2025. Neste texto, objetiva-se relatar sobre a experiência de coordenar a pesquisa acerca dos entrelaçamentos do espectro feminista presente nas criações teatrais e a memória. Palavras-chave: Relato, teatro feminista, registro, pesquisa.

Abstract

This report is a record of the research conducted by panel 01 – Composition processes in the work of actresses: Paths of creation from a feminist perspective, at the 1st Conference on Research in the Performing Arts, starting on July 12, 2025. This text aims to report on the experience of coordinating research on the intertwining of the feminist spectrum present in theatrical creations and memory.

Keywords: Report, feminist theater, record, research.

Resumen

Este informe es un registro de la investigación realizada por la mesa 01 – Procesos de composición en el trabajo de la actriz: Caminos de creación desde la perspectiva feminista, en el evento I Jornada de Investigación en Artes Escénicas, a partir del 12 de julio de 2025. El objetivo de este texto es relatar la experiencia de coordinar la investigación sobre los entrelazamientos del espectro feminista presente en las creaciones teatrales y la memoria.

Palabras clave: Relato, teatro feminista, registro, investigación.

Relato – MESA 01

Este texto é um relato das ações feitas pela mesa 01 – Processos de composição no trabalho da atriz: Caminhos de criação na perspectiva feminista, no evento I Jornada de Pesquisa em Artes da Cena, a partir do dia 12 de julho de 2025. Neste registro, as perspectivas abordadas são minhas, Fernanda Medeiros, como

coordenadora da mesa. As pesquisadoras que se inscreveram para participar da mesa foram Gabriela Guimarães Luque (Universidade de Brasília), Isabela de Freitas Tavares, Mayanne Kelly Macedo Torres e Weyne Bezerra Nascimento (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), Nayara Macedo Barbosa de Brito (Universidade do Cariri). Durante a inscrição, as pesquisadoras escreveram um breve resumo sobre suas pesquisas.

No dia do evento, tivemos uma troca muito tranquila, na qual cada uma teve a oportunidade de se apresentar e mostrar sua pesquisa relacionada ao espectro feminista no teatro. Nayara Macedo começou com sua pesquisa voltada à dramaturgia brasileira contemporânea, relatou sobre o seu processo de mapeamento e busca pelo protagonismo feminino nas produções teatrais, temáticas abordadas nas dramaturgias e processos de criação. Em seguida, Weyne Bezerra dissertou sobre o texto enviado para o evento, que contava com a autoria de outras duas pesquisadoras, Isabela de Freitas Tavares e Mayanne Kelly Macedo Torres, que não conseguiram participar do encontro. O texto enviado pelas pesquisadoras tem o seguinte título: “A manutenção do apagamento feminino na cena teatral potiguar: uma perspectiva feminista crítica”. Após a fala de Weyne, apresentei a minha pesquisa, que leva o título da mesa 01. A pesquisadora Gabriela Guimarães Luque infelizmente não esteve presente por motivos pessoais.

Neste primeiro encontro, a premissa era juntar essas pesquisadoras e trocar pensamentos acerca da criação teatral na perspectiva feminista e, com isso, propor a escrita conjunta de um artigo que registrasse a nossa pesquisa acerca dos feminismos dentro do teatro e, com relação à “Feminismos”, siga a leitura de Suely Gomes Costa.

Os feminismos, ainda que tão diferentes em suas trajetórias, mostram sua vitalidade e enorme força de propagação de idéias libertárias e igualitárias nos momentos em que o poder social das mulheres, em luta por esse ou aquele direito social, vem a público. (COSTA, 2004, p. 23)

Todas aceitaram participar da escrita coletiva e marcamos o nosso segundo encontro para o dia 18 de julho, no qual pensamos em quais tópicos se destacavam

dentro da nossa primeira discussão e, a partir disso, organizamos as práticas de escrita. Os principais tópicos foram: Processos para encontrar à autonomia em cena; a autobiografia (autoficção) como elemento matriz do teatro feminista; feminismo materialista como recorte temporal e social; o esvaziamento como perpetuação do apagamento. Após levantarmos esses tópicos, fiz a sugestão de dividirmos perguntas que acompanham as pesquisas de cada uma, estas são algumas das perguntas: Quais são as perspectivas feministas? O que propõem? Quais aspectos da criação teatral diferem-se e encontram-se nessas perspectivas? Há diferença entre o trabalho da atriz e do ator? Quais diferenças? Qual é o desejo principal? O que entendemos por apagamento no teatro? Qual a relação entre apagamento X criação teatral? O que é o protagonismo feminino? Como caracterizá-lo? Onde ele está na criação/ação teatral? Onde ele não está? Como demarcar lugares de reconhecimento como uma mulher-pessoa de teatro? Quais são os lugares vazios dentro do trabalho teatral? Para onde não costumamos olhar? Com o cenário precarizado, o que mantém o desejo da mulher de teatro? Onde está o gozo?

A partir dessas perguntas, pedi para que as pesquisadoras começassem a fazer escritas livres, exercício que consiste na escrita contínua, sem se preocupar com regras gramaticais ou acadêmicas. O objetivo era quebrar a barreira com a escrita e tentar desmistificar o registro da pesquisa, partindo do ponto que todas as escritas livres tinham algo a acrescentar ao artigo e, também, na troca de percepções acerca das perguntas. No dia 21 de agosto, Weyne informou que as suas companheiras de escrita, Isabela de Freitas Tavares e Mayanne Kelly Macedo, não participariam da escrita conjunta. No mesmo dia, fizemos um encontro para estabelecer algumas datas: para o dia 28 de agosto, reservamos a entrega das escritas livres e, para o dia 02 de setembro, marcamos uma reunião pensada para discutir sobre os textos, nos quais todas precisavam ler e tecer comentários para a reunião. No dia 01 de setembro, a pesquisadora Nayara Macedo nos informou que não poderia continuar com a escrita conjunta.

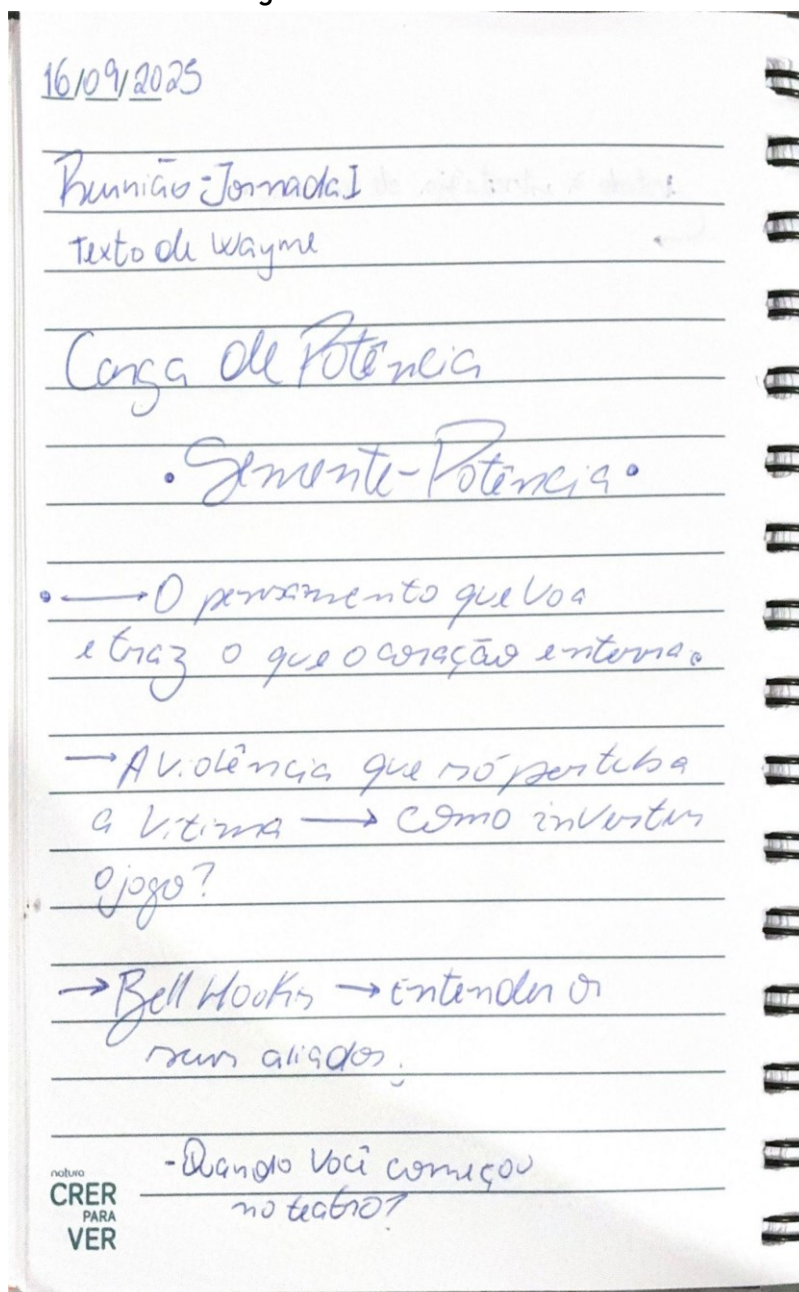
No dia 02 de setembro, eu e Weyne Bezerra nos reunimos e discutimos sobre as escritas livres, que tinham objetivo de partir de duas perguntas registradas nos primeiros encontros. As perguntas que escolhemos foram: O que é o protagonismo feminino? Quais são os lugares vazios dentro da pesquisa e no trabalho teatral? O que é o apagamento? O que é o apagamento no teatro? A partir desse encontro, percebemos que muitas das experiências que passamos dentro do teatro, com caráter machista ou não, apareceram nas nossas escritas livres e, dessa forma, pensei em sugerir outro exercício de escrita livre, porém com um pouco mais de direcionamentos. Marcamos então, para o dia 08 de setembro, o envio de uma carta para a nossa “versão do passado”, que tinha acabado de passar por uma dessas experiências, pensando no que queremos tirar dessas memórias.

No dia 16 de setembro, nos reunimos, conversamos sobre nossas cartas e dividi com Weyne um desenho que fiz durante o processo criativo que estava envolvida no mesmo período da pesquisa, o “Diante de você”.

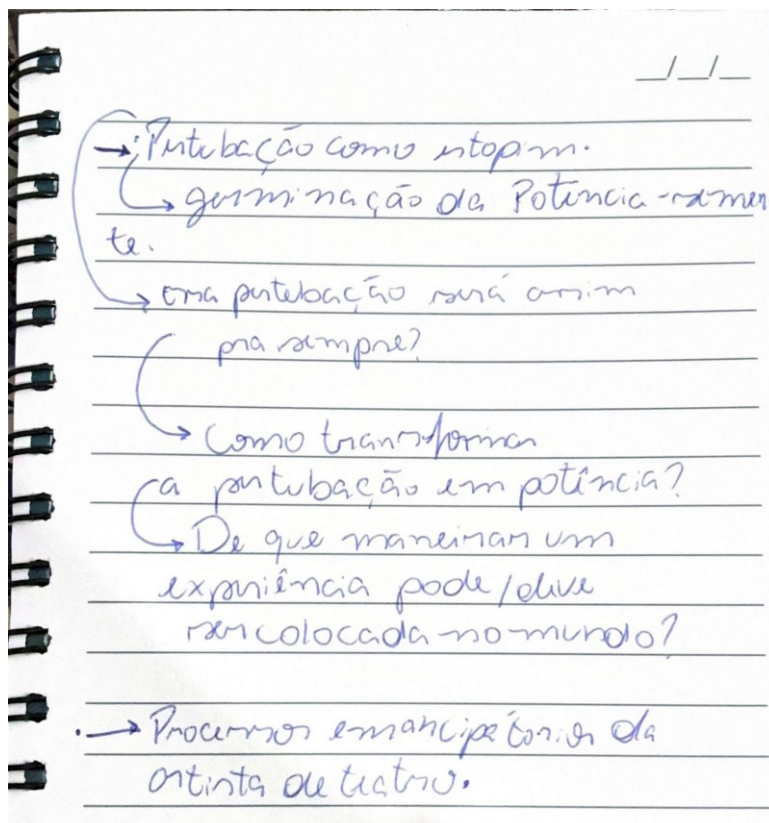


Acervo pessoal (“Olho para a coisa”)

Esta troca foi muito importante para a minha pesquisa, ao dividir a minha carta com Weyne, pude perceber que precisava entender maneiras de transcrever as minhas experiências, para que elas não ficassem apenas comigo e, a partir dessa entrega de memórias, entender feminismos possíveis dentro da criação e convivência com o teatro. Os registros desse encontro ainda estão comigo:



Acervo pessoal ("Carga potência")



Acervo pessoal ("Perturbação como estopim")

Acredito que esse foi um dos encontros mais potentes da mesa, nele escolhemos alguns nomes para capítulos e dividimos entre nós quais gostaríamos de aprofundar a pesquisa. Inclusive, no dia 04 de setembro, Matheus Neves, coordenador da mesa 06, com a pesquisa intitulada como "A Drag Queen na cena contemporânea: reflexões éticas sobre gênero e representatividade", juntou-se à nossa escrita coletiva. Inicialmente, existia um receio de como unir as pesquisas, mas como essa reunião do dia 16 demarcou que as nossas pesquisas partiam da memória e da nossa relação com as experiências, percebemos que esse entrelaçamento era mais que possível.

Continuamos com os exercícios de escrita livre, pensando em continuidades e aprofundamentos de alguns tópicos da reunião anterior. Por fins de registro, vou dividir uma das minhas escritas livres neste relato:

O RETORNO CÍCLICO DA MEMÓRIA À REVOLTA Como transcrever uma experiência?

“Quando eu era criança, brincava de queimada na rua com outras crianças. Na divisão dos times, ficava feliz quando era uma das primeiras a ser escolhida. Sinto que a escuta entre as crianças é outra, a minha amiga informou que não gostou do jogo escolhido, as crianças se olharam, perguntaram o motivo, ela falou que não queria ser atingida com força pela bola mais uma vez. Com vergonha, pedi desculpas. Mudamos o jogo. Faltam informações na história? Acredito que sim. Como transcrever uma experiência? Após meses de pesquisa, reunindo pensamentos, experiências e leituras, sinto-me estagnada. É exatamente aqui que esse capítulo começa. Estou tentando transcrever os pensamentos que existem em mim, colocando para fora tudo que me moveu e segue movendo, sem repetir o que já escrevi. Tentando. Eu tento bastante, já tentei fazer algumas coisas, mas não me sinto verdadeiramente disposta para nenhuma delas, não como já estive um dia. Não quero sentir os anéis encostarem nos meus dedos, não quero sentir os meus cotovelos encostando na mesa, muito menos os meus pés descalços encostando no apoio da cadeira. Queria tentar voltar a escrever um pouco mais feliz, um pouco mais ativa em mim, não nos outros. Eu me irrita com o colar pesado no meu pescoço, o retiro. Sinto saudade da sexta-feira, último dia dessa semana que me senti verdadeiramente feliz, lembro de ter tomado água de coco, também andei pelo centro da cidade (bairro Cidade Alta, Natal-RN), comi um trovo de leite condensado, ri sobre tudo e ainda falei sobre quando escutei minha tia falar sobre os meus futuros seios caídos. Desde que essa memória voltou não tive paz, não aguento mais me olhar no espelho e sentir o mesmo ódio da minha adolescência, que teve início, na verdade, na minha infância. Sinto raiva de você, tia Leida, por ter me doado uma memória tão ruim, que provavelmente começou com uma memória sua, até mesmo de quem antecedeu a senhora, não sei, só penso que não queria que, agora, ela fosse minha. Mesmo pesquisando tantas vezes sobre as possibilidades do trabalho da atriz, ainda não consigo achar a fórmula secreta, o modo de operação, a prática de bons

costumes, que retire as fronteiras da minha vida do meu trabalho. Sinto que se um dia eu achar esse passo a passo, vou usá-lo na minha vida no geral, talvez aí esteja o perigo, até porque o que somos se não um grande conjunto de fronteiras e escapatórias? Gostaria de esquecer dos meus seios, queria esquecer do quanto me sinto ridícula dançando em cena, queria esquecer de quando me caiei durante um ataque que aconteceu na sala de trabalho, queria esquecer da expressão que estava no rosto dele quando me silenciou pela quinta vez durante um ensaio. Queria esquecer. Mas não consigo. Deito minha cabeça no travesseiro e lembro de tudo, essas memórias interrompem o meu descanso, que azar o meu. Como falar sobre elas? Talvez a discussão sobre o efeito da memória dentro de uma experiência seja a grande semente-potência¹ desta pesquisa. Falar sobre um espectro do feminismo dentro do teatro também é falar sobre o que me fez pensar no feminismo.”

Nos encontramos pessoalmente pela primeira vez no dia 25 de setembro, no departamento de artes da UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Não era a primeira vez que nos víamos, mas para pensar sobre esta pesquisa, foi a primeira vez. Matheus não pode estar presente, então passamos tudo para ele depois. Os tópicos desse encontro, após lermos e discutirmos as escritas livres foram: Referências em comum; o (não) eterno autoquestionamento; a genialidade artificial do homem branco cis-hétero; como nós conseguimos conversar sobre as nossas experiências em comum? Que material (assunto) tiramos delas? Marcamos a continuidade da escrita para o dia 09 de outubro.

Nos reunimos no dia 10 de outubro, conversamos sobre datas de encontros e entregas. Infelizmente, a partir dessa reunião, aconteceram alguns imprevistos e não conseguimos manter a mesma frequência de encontros. A partir daqui, organizamos individualmente as escritas, fizemos o envio de mais uma escrita livre e, então, percebemos que não conseguiríamos seguir com a escrita conjunta.

¹ Expressão que surgiu ao longo desta pesquisa, voltada para todos os pontos de memória, discussão e da própria experiência teatral que demarcavam mais uma descoberta dentro do pensamento coletivo.

Ao longo desta pesquisa, dialogamos com textos de Bell Hooks, Lúcia Regina Vieira Romano, O livro do Motim, organizado por Luciana Lyra, Flávia Leme Hiroki e tantas outras pesquisadoras do teatro e da vida. Sinto muita gratidão por ter feito parte desse processo, o evento I Jornada de Pesquisa em Artes da Cena é lindo e eu desejo longevidade!

Referências

COSTA, Suely Gomes. Movimentos feministas, feminismos. Revista Estudos Feministas, v. 12, p. 23-36, 2004.

HOOKS, Bell. Tudo Sobre o Amor. Editora Elefante, 2021.

ROMANO, Lúcia Regina Vieira. A Cênica Feminista: teorizações sobre a ciência e a prática da cena teatral feministas e a importância de uma pedagogia feminista no campo teatral. Revista Brasileira de Estudos da Presença, v. 14, p. e132381, 2024.

DE, Luciana De Fátima Rocha Pereira et al. Motim: Outros ensaios. Paco e Littera, 2024.

HIROKI, Flávia Leme. Teatro feminista e identidades de gêneros: reflexões de uma atriz sobre o (s) feminismo (s) na cena teatral. 2017. Tese de Doutorado. [sn].